

EDUCAÇÃO AFIRMATIVA: UMA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA ESTUDANTES NEGROS DA ESCOLA PÚBLICA – A TEORIZAÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA

Romilson da Silva Sousa¹

RESUMO: *É incontestável a centralidade do trabalho na sociedade humana e, com a modernidade, este se torna cada dia mais especializado e, no caso brasileiro e baiano, este mundo do trabalho se constitui de uma história singular, que necessariamente passa pela história do trabalho escravo e a estratégias de defesa contra a opressão no trabalho, até a sistemática exclusão de trabalhadores negros em cargos de destaque. Orientar estudantes negros de escolas públicas se configura em uma inter-relação entre educação e discriminação. Por isso nossa investigação participativa com estudantes negros de escolas públicas da periferia de Salvador nos levou a uma tentativa de construção de uma abordagem teórico-metodológica de Orientação Profissional Afirmativa, visando proporcionar um outro olhar e um outro lugar para esses estudantes. Para tanto, nossa metodologia de observação se deu durante a implantação e implementação do programa de Desenvolvimento e Orientação Profissional Afirmativa, aplicado em estudantes de entre 16 e 24 anos de escolas públicas de Salvador, pobres, em sua grande maioria moradores da periferia e 95% de Afro-descendentes. O presente artigo, então, visa, a partir dessa experiência, trabalhando no CEDIC – Centro de Estudos e Desenvolvimento Interdisciplinar introduzir uma nova abordagem teórico-metodológica, no trato da Orientação Profissional para estudantes negros de escolas públicas. Constatamos assim que uma Orientação Profissional Afirmativa constitui fundamental instrumento de fortalecimento da identidade e da auto-estima, o que pode influenciar no processo de (des)envolvimento do estudante e seu desempenho, acarretando uma redução das não escolhas por determinados cursos de prestígios o que aumenta suas possibilidades de ascensão via formação profissional.*

Palavras-chave: Orientação profissional; Ações afirmativas; Negro.

INTRODUÇÃO

A partir dos estudos de Guimarães², podemos ampliar seus argumentos, concluindo que são vários os fatores que interferem no desempenho dos estudantes negros. Além de problemas de ordem social, histórica, cultural e econômica, esses estudantes enfrentam dificuldades psicológicas, que interferem motivacionalmente na persistência, autoconfiança e na determinação de seus objetivos e escolhas por certos cursos. Utilizando este raciocínio como ferramenta de análise, fica evidente o efeito da discriminação negativa introjetada no estudante negro, que produz uma estrutura subjetiva detentora, inclusive, de um caráter simbólico e estrutural, presente nas relações de poder, influenciando em qualquer modalidade de avaliação, principalmente em situações de elevada cobrança social e psíquica, como o trabalho³ e o vestibular.

¹ Mestrando do Programa de Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: romilson@cpunet.com.br.

² O acesso de negros às universidades públicas In: Revista Educação & Contemporaneidade - Salvador: FAEBA, jan-jun, 2003, vol. 12, n. 19.

³ Ver Ivo Santana – Executivos Negros em Organizações Bancárias de Salvador: Dramas e tramas do processo de ascensão social. (AFRO-ÁSIA 23 FFCH/UFBA, 2000, pp 199 a 237) e As Novas Elites de Cor e Executivos negros em organizações bancárias em Salvador: dramas e tramas do processo de ascensão social (tese de Ângela Figueredo).

Segundo Bourdieu (2004 pp.124-125), quando os dominados nas relações de poder entram na luta individualmente, eles não têm outra escolha a não ser a da aceitação da definição dominante da sua identidade ou da busca de assimilação da maneira de se vestir, do estilo de vida, da maneira e uso da fala, etc. Para o autor, a batalha contra a dominação simbólica e os efeitos de intimidação que ela exerce, não devem visar à conquista ou à reconquista de uma identidade, mas à reapropriação coletiva deste poder sobre os princípios de construção e de avaliação da sua própria identidade, da qual o dominado abriu mão em proveito do dominador, enquanto aceita ser negado ou negar-se para se fazer reconhecer. Fica então o argumento da educação afirmativa, esta como estância de poder e desenvolvimento de identidades, como uma das estratégias para o combate à estrutura de produção desse poder simbólico.

A partir do debate constitucional sobre as ações afirmativas, trazidas pelo jurista Joaquim Barbosa Gomes⁴, a discriminação que, inegavelmente, tem uma estrutura histórica e cultural, não se combate apenas com medidas coercitivas, mas é preciso também promover a observância de seus princípios, eliminados com ações positivas os efeitos negativos persistentes nas dimensões psicológica, cultural e comportamental. É preciso revelar seus efeitos na discriminação estrutural, base das desigualdades entre grupos dominantes e marginalizados, eliminando as barreiras artificiais e invisíveis tendentes à subalternização negra. Para o jurista, além do exposto, as ações afirmativas podem trazer a possibilidade de visibilidade de referenciais negros, que ajudariam na construção e realização dos projetos de vida dos jovens.

O conceito de escolha que trazemos aqui não está limitado à escolha por uma profissão, mas engloba a escolha, a partir de Freud, Lacan e os estudos de Gonzalez: como escolha de uma posição subjetiva em face da realidade da vida, sendo esta escolha fruto de uma exigência psíquica de trabalho, isto é, o sujeito, pressionado a situar-se em relação ao seu modo de gozo, faz escolhas, logo, como conclusão de sua dissertação (*Sujeito e trabalho: uma leitura psicanalítica da escolha profissional*) Gonzáles levanta a necessidade de resgate da noção de trabalho como exigência psíquica, propiciadora da expressão do desejo do sujeito. Então nos perguntamos: Qual o desejo do sujeito negro?⁵ Ou ainda seguindo Fanon, o que quer o homem negro?⁶

A maioria das práticas de orientação profissional parece desconhecer o estudante negro e sua subjetividade, que é resultante de uma articulação contingencial da história do sujeito e o mundo do trabalho, sua posição a partir de discursos⁷ e práticas⁸ sociais, ideológicas, culturais e históricas, além do tipo e qualidade de sua formação educacional⁹.

Como podemos perceber nas breves reflexões acima, pensar em uma *educação afirmativa*, passa necessariamente pelo estudo de seu efeito sobre a subjetividade, que esta ação positiva visa desvelar; significa dizer sim, ao que sempre foi dito não.

Uma educação que respeite as diferentes matizes culturais do trabalho, a necessidade e função do trabalho para cada estudante em relação a sua identidade, principalmente suas identificações ocupacionais. Nesta perspectiva, uma prática de orientação profissional que aceite a diversidade de saberes e verdades no processo de desenvolvimento educacional, tomando como base um (des)envolvimento de potencialidades e possibilidades, em um olhar integral do ser, através de um igualmente posicionamento identitário do educador em articulação com a

⁴ Ver SANTOS, Renato Emerson. LOBATO, Fatima (org.), 2003 – Ações Afirmativas – Políticas públicas contra a desigualdades sociais.

⁵ Ver o valor simbólico do trabalho.

⁶ FRANTZ F. – *Pele negra mascarar brancas*.

⁷ BHABHA, K. H. *O Local da Cultura* e LACAN, J Os quatro discursos – *Seminário XVII*.

⁸ HALL, S *Diáspora Identidades e Mediações Culturais*, 2003.

⁹ SILVA, T. T. *O Sujeito da Educação – Estudos Foucautianos*.

diversidade identitária dos estudantes em uma construção coletiva e participativa, que possibilite um olhar plural e escolhas profissionais na construção de projetos de vida. Isso será possível se entendermos que desenvolvimento pode ser entendido como (des) envolver, retirar o que está envolvido por uma história de negação, encoberto pela unicidade de uma cultura hegemônica, neocolonizadora e excludente, abafado por um discurso dominante em uma colonialidade de poder¹⁰.

Como podemos perceber, uma educação afirmativa implica a formação de sujeitos, articulados na diferença e na identidade, arquitetos de sua história e de seu processo educacional, possibilitado na construção de seus projetos profissionais coerentes e interligados aos seus desejos.

Uma educação afirmativa, reitero, implica a articulação entre reflexão, teoria e prática. E o educador, dentro dessa lógica integrativa, convive com seus educandos, interagindo e também aprendendo com eles, redirecionando sua prática pedagógica para as necessidades de cada projeto individual, melhorando assim seu ato pedagógico e fazendo do magistério além de uma prática reflexiva, crítica, ativa, questionadora, desafiadora do saber hegemônico estabelecido, uma prática, ao mesmo tempo que transformadora, viabilizadora de potencialidades e projetos, instrumentalizando a realização de desejos, fundando uma pedagogia afirmativa, propiciando ao educando uma resignificação positiva de suas experimentações no processo de aprendizagem, de forma igualmente reflexiva, crítica.

A formação superior pode ser considerada em sua dimensão formativa para o trabalho, como um espaço privilegiado para uma redefinição de projetos pessoais, presente na ação sublimatória do trabalho. O “projeto profissional” não se elabora de um dia para outro, ele tem uma história, que é o que cada pessoa vai vivendo desde seu nascimento, no contexto de sua realidade familiar, econômica, social, religiosa e cultural, com as influências das experiências e situações de vida que tem que enfrentar, construindo assim uma identidade que visa articular a interioridade psíquica com a exterioridade objetiva. Não podemos, então, deixar de abordar as questões relativas à constituição do sujeito, que leva em consideração a identidade e a identificação como elementos fundamentais em sua estruturação e escolhas educacionais formativas. Segundo Dulce¹¹, todo projeto não pode ser elaborado somente pela influência do ambiente, ele deve permitir a manifestação do desejo, pois o projeto contém representações de si, imagens, objetos de identificações, etc, além de supor uma construção e uma elaboração psíquica. O projeto profissional é então, uma possibilidade de articulação consciente e inconsciente.

Ao escolherem suas profissões, os jovens têm como base pouca ou nenhuma informação concreta sobre o universo profissional e o mundo do trabalho e muitas vezes essas informações são distorcidas, idealizadas, ou estereotipadas. E quando a escolha é feita, muitas vezes não se encontra nenhuma articulação entre o perfil da profissão e a identidade pessoal. Nossas escolas públicas estão planejadas e estruturadas de maneira que não contribuem para o processo de decisão, e estreitamento entre o perfil individual e os requisitos profissionais e de mercado. Há uma tendência em desarticular o ensino didático à realidade das demandas do mercado de trabalho e as demandas pessoais, retardando assim o desenvolvimento de habilidades e características fundamentais no desempenho e perfil profissional.

Contemporaneamente, é no interior desta realidade, permeada pelas injunções da história de vida, que se constroem e se reconstróem valores, que se avaliam as possibilidades de que

¹⁰ Ver Walter Mignolo - Histórias Locais / Projetos Globais.

¹¹ SOARES-LUCCHIARI, Dulce Helena – O Ideal de Ego e o Projeto de Futuro Profissional dos Adolescentes (psicóloga e professora adjunta do departamento de psicologia da UFSC, doutoranda no laboratório de psicologia da criança e da família).

esses valores contribuam para o aperfeiçoamento da nossa civilização, não só através dos processos de elaboração de políticas afirmativas de âmbito geral e estratégias educacionais, mas, sobretudo, através de uma nova estratégia cultural e política para a formação para o trabalho, que promova a inserção e a ascensão social do estudante negro, a partir de um novo olhar para o mundo do trabalho, possibilitando o acesso de negros a posições de prestígio, comando e poder, através de instrumentos de desenvolvimento e orientação profissional que interiorize nossa memória própria e a nossa história, que perceba nossa subjetividade e que “abra os caminhos guerreiramente” para empresários, dirigentes mestres e doutores negros.

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL AFIRMATIVA (OPA)

O olhar da sociedade brasileira sobre o estudante negro da escola pública da periferia é referenciado por uma visão viciada e excludente de outras possibilidades de existir, isto é, ser, conviver, fazer e viver. A nossa proposta de Educação Afirmativa, com ênfase no Desenvolvimento e Orientação Profissional, fundamenta-se na perspectiva de que a escola é constituída de sujeitos de um processo histórico, cultural e ideológico, com uma identificação étnica e posições identitárias, com desejos e escolhas, elementos esses determinantes na construção de projetos de vida de professores, orientadores e educadores e de estudantes. Logo, podemos perceber a complexidade do universo educacional.

Ao estabelecermos uma Orientação Profissional Afirmativa, focamos na temática “projeto de vida/profissional” que nos parece fundamental e estratégica na caminhada do empoderamento da juventude. Entretanto, não se elabora um projeto de vida realista, de um dia para outro, ele tem uma história, constituída do que é falado sobre ele antes de nascer e suas respectivas expectativas, daquilo que cada pessoa vai vivendo a partir de seu nascimento, no contexto de sua realidade familiar, econômica, social, religiosa e cultural. Mas também com as influências das experiências, situações e necessidades da vida que tem de enfrentar e, fundamentalmente, com cada sujeito com o qual se relaciona e se posiciona, em frente desses aspectos.

Mas um projeto tem também uma história, que começa com as diversas escolhas na adolescência, fase essa que poderíamos considerar como uma atualização de experiências infantis, que passam pela identificação profissional e por escolhas no limite para o mundo adulto. Por isso, a estratégia de trabalhar os projetos de vida e as ferramentas para sua realização se mostram bastante eficaz no trato com os jovens alvo de nossa pesquisa, mas sem se limitar a estes.

O trabalho é meio de satisfação, dizia Freud, fundante da condição humana, dizia Marx, porém, no decorrer de todo o processo histórico do negro, este é sempre subjugado e voltado para atividades não escolhidas. Não há vocação para o estudante negro de escola pública, o “chamado vocacional e profissional” é sempre de acordo com o mercado, que funciona com base em “tráfico de influências”, isto é, indicação para serviços menos desejáveis. Como fica então a questão do mundo do trabalho para o estudante negro da escola pública e para o estudante branco da escola privada? Será possível utilizar o mesmo argumento teórico, a mesma metodologia, o mesmo olhar na Orientação Profissional? Quais efeitos as discriminações históricas, escondidas na “estratégia de democracia racial”, tem concretamente na negação do narcisismo do estudante negro da escola pública? É preciso compreender essas e outras questões no estudo da OP.

Nossa pesquisa de caráter participativo nos mostrou que muitos dos estudantes começam sua inserção no mundo do trabalho aos 8(oito) anos de idade, vendendo no semáforo, ou ajudando os pais na feira ou na venda, ou ainda vendendo cerveja, água, etc, nas festas de largo e no carnaval. E para os que escapam desse destino, suas ambições educacionais e profissionais

são permeadas por escolhas e não-escolhas, em um movimento que obedece, não apenas às determinações econômicas, mas que envolve considerações de um mercado de trabalho que demanda um “perfil profissional” e um “estilo de vida”, em contra-posição as demandas imediatas de sobrevivência de grande parte do adolescente e do jovem estudante negro da escola pública, que, na sua esmagadora maioria, são pobres.

Segundo grandes teóricos da O.P, como a Professora Silvia Pimenta, “a orientação profissional deveria deslocar seu eixo central de preocupação, que tem sido a *escolha dos indivíduos*, para a abordagem da temática do *trabalho na sociedade atual*”. Nossa abordagem então, considera também o valor simbólico¹² e a função do trabalho na sociedade contemporânea, trabalho no sentido laborativo do próprio funcionamento psíquico, mas também como atividade transformadora da natureza na geração de valor, conseqüentemente, na produção de cultura.

Será que a cultura do trabalho, fundada em uma estrutura e dinâmica “neurótica obsessiva” (de normas, regras, tempos, formas, disciplinas, etc) pode se adaptar a estruturas, a uma estrutura e dinâmica igualmente neurótica, porém histórica (de criatividade, de emoções, de intuição, etc)? É possível se entender as demandas profissionais e o funcionamento do mundo do trabalho, sem compreender sua história no Brasil e na Bahia? É possível a mesma orientação profissional para negros e não-negros? Em que medida o olhar viciado do estudante/trabalhador negro parte de definições e concepções influenciadas pelo desconhecimento da história do trabalho e da educação no Brasil e na Bahia? Será que conhecemos de fato a especificidade, isto é, valores, conceitos, ideais, modo de pensar e identificar e viver da pluralidade cultural, que perverte conceitos e valores (outros padrões de “eficiência”, outros indicadores contemporâneos de “desempenho”, etc)? Ou formamos conceitos, a partir de um olhar advindo dos primórdios de nosso processo de colonização¹³?

A OPA discute a concepção do trabalho nas diversas culturas, nos diversos momentos históricos e nas diversas ideologias, o que, em nosso estudo, se torna fundamental para compreendermos o trabalho negro na diáspora brasileira, as concepções e histórias locais e os projetos mundiais¹⁴ iniciados no século XVI, com a modernidade, que subalternizaram saberes, criaram centros e periferias, etc. Entretanto, a OPA não deixa de considerar as influências tecnológicas, de divisão do trabalho e demandas de um mercado competitivo e globalizado, implícitas nas demandas de produtividade, eficiência, desempenho, etc, e de formação e perfil na educação e nas organizações no século XXI.

Em nossa investigação, percebemos que os estudantes alvo de nosso trabalho, apontam para uma complicada relação com o ensino formal, entretanto, uma elevada capacidade empreendedora e criativa, um senso de solidariedade e companheirismo e, principalmente, uma extraordinária capacidade de sobreviver e gerar renda, na selva urbana de Salvador, aliado a uma excepcional capacidade de aprendizagem, para o que lhes interessa, como a dança, música, artes em geral, assim como habilidades em operações numéricas, como trocos, proporção na construção civil, entre outras.

Mas como abordar uma Orientação Profissional Afirmativa (OPA) quando o estudante se considera inferior ao outro, não-negro, rico, bonito, não reconhecendo em si um ideal a ser perseguido?, não reconhecendo figuras parentais de apoio e identificação?, não reconhecendo em si um perfil estético, cultural, de ideal de viver? Qual o efeito no desenvolvimento de sua

¹² O Valor Simbólico do Trabalho e o sujeito contemporâneo (O conceito clássico de trabalho e o trabalho no discurso da modernidade – introdução de Alfredo Jerusalinsky pg 223).

¹³ Ver Homi Bhabha – O Local da cultura.

¹⁴ Ver MIGNOLO 2003.

subjetividade, de sua identificação étnica? Como isso rebate na autoconfiança, no seu desempenho escolar e em seu projeto de vida?

Nossa observação demonstrou o óbvio, o ser humano é o mesmo, seja ele negro ou branco, pobre ou rico, de escola pública ou privada; o que vai diferenciar são as estratégias e defesas em frente das intempéries do viver, refletidas no estilo pessoal de cada sujeito. Logo, quanto mais dificuldades, mais mecanismos de compensação na tentativa de equilíbrio entre a interioridade psíquica e a exterioridade social. O que, em nossa observação, demonstrou especificidades históricas, culturais, ideológicas, étnicas e até mesmo locais, na diversidade de formas de enfrentar uma sociedade excludente da diferença, de não respeito à alteridade e desvalorização da pluralidade cultural. Por isto, a OPA considera a singularidade de cada sujeito, na sua abordagem individual, sem deixar de considerar também a pluralidade das identificações, estas que são diversas, entre negros, não-negros e brancos.

Com um olhar pouco viciado e em processo de desconstrução (estereótipos, representações, unicidade cultural, etc) e descolonização (considerar o hibridismo cultural), processo esses fundamentais em uma abordagem de OPA e formação do Orientador Profissional, que deve ter uma posição subjetiva, que possibilite um olhar e um lugar vazio de identificações próprias, mesmo sendo apenas no processo de “orientação”, que possibilite ao orientado utilizar-se do orientador como lugar e espaço de construção de seu (do orientado) projeto de vida. Deveríamos então pensar mais no papel dos orientadores, como os de acompanhantes, pesquisadores, auxiliares do percurso de busca e de experimentação dos orientados, sustentando um lugar coadjuvante nos momentos de dúvida, sem fazer julgamentos ou querer impor seus modelos, valores e conceitos de vida, considerando a diversidade e o hibridismo cultural, inclusive no mundo do trabalho, que compõem as características do trabalho na Bahia¹⁵.

A OPA possibilita ao orientador um Lugar dentro de um Discurso, introduzindo uma prática de articulação, operação e manejo de lugares e posições, combinando sujeitos, saberes, abjetos, etc, na construção de projetos de vida que podem ou não incorporar carreiras de sucesso financeiro, desenvolvendo no estudante a possibilidade de “formatar” e dinamizar os próprios processos de escolhas, construindo e atualizando seus projetos e carreiras, dentro de seus projetos de vida.

Pudemos perceber, durante o processo, que uma parte de estudantes tem uma elevada auto-estima, mas sem autoconfiança; outra parte tinha baixa auto-estima, mas, quando diante de um educador que se identificava como afrodescendente e se “posicionava em um outro lugar”, lugar de respeito à alteridade e às diferentes formas de apreender, assim como aos diferentes caminhos e escolhas dos jovens, que os encorajava em seus projetos, esses desenvolviam sua autoconfiança e auto-estima, a ponto de perceber-mos durante o processo, uma melhora significativa no orgulho étnico e racial, no desenvolvimento de lideranças, melhoria na articulação de idéias e no desenvolvimento do senso de crítico, passando a buscar se relacionar com a escrita e fala, considerando, autonomamente, os cânones educacionais, como estratégias necessárias para o desenvolvimento de seus projetos.

Em uma abordagem de Orientação Afirmativa, não podemos, então, deixar de abordar as questões relativas à constituição do sujeito, que leva em consideração a cultura como elemento fundamental em sua estruturação, e sua importância na construção de um projeto de vida pessoal e profissional, fruto das expectativas pessoais, ideais, auto-imagem, auto-estima, etc. Segundo Dulce¹⁶, todo projeto não pode ser elaborado somente pela influência do ambiente, ele deve

¹⁵ Ver MATTOS 2000.

¹⁶ Dulce Helena Soares-Lucchiari – O Ideal de Ego e o Projeto de Futuro Profissional dos Adolescentes (psicóloga e professora adjunta do departamento de psicologia da UFSC, doutoranda no laboratório de psicologia da criança e da família).

permitir a manifestação do desejo, pois o projeto contém representações de si, imagens, objetos de identificações, etc, além de supor uma construção e uma elaboração psíquica. O projeto profissional é, então, uma possibilidade de articulação consciente e inconsciente.

Segundo Dulce¹⁷, *a elaboração do projeto do adolescente repousa no Ideal do ego, isto é, na possibilidade de construir uma imagem ideal de si mesmo no trabalho. Esta imagem vai servir de referência, de identificação e de objetivo a alcançar para realizar o seu desejo. A autora então nos permite concluir que existe uma relação entre o ideal do eu e a profissão escolhida, configurando uma projeção do Ideal do eu na representação da profissão escolhida. Logo perguntamos: qual é o ideal do estudante negro da escola pública da periferia de Salvador? Como se dará a construção identificatória desses estudantes em relação a sua auto-imagem, na construção de seus ideais e do seu Ideal de Eu?*

A partir dessas trajetórias, então, incorporarmos a necessidade estratégica de considerarmos uma parte de Desenvolvimento na Orientação Profissional, subdividido em informativo (sobre o mundo do trabalho, dissecando, destringendo a sua estrutura e funcionamento no mundo, no Brasil e na Bahia) e crítico (considerando estratégias, mecanismos, técnicas e formas de viabilização de seus projetos). O programa de Desenvolvimento e Orientação Profissional Afirmativo (DOPA) desenvolvido pelo CEDIC se baseará em algumas questões para reflexão: Quem sou? Onde estou? Para onde vou? O que quero? Por que quero? Como conseguir o que quero? Quando conseguir o que quero?

Nossa constatação vai ao encontro de estudos que dizem faltar a esses alunos da escola pública uma referência de como explorar as possibilidades no mundo do trabalho e de como relacionar suas características pessoais e sociais. Indo alguns autores a elencar algumas demandas desse tipo de público: sentimento de desinformação total sobre o mundo do trabalho, falta de material que possa esclarecer sobre as oportunidades de inserção no mercado de trabalho, desconhecimento da realidade do mercado de trabalho formal, disponibilização de informação sobre outras possibilidades de inserção que não visa formação superior, etc.

Ao observarmos mais a fundo, pudemos perceber que a presença de entidades do chamado Movimento Negro, na construção de um trabalho sistemático e afirmativo de fortalecimento da identidade, com ênfase na identificação de gênero, na identificação sexual e na identificação étnica, além da uma política de ações afirmativas, proporcionou um excelente resultado prático no (des)envolvimento de estudantes que passaram a mudar seus comportamentos frente às expectativas futuras, possibilitando o desenvolvimento de projetos de vida antes esquecidos e encobertos, pelo muro do acesso à universidade, pela baixa auto-estima e autoconfiança, e principalmente pela possibilidade de não mais se envergonhar, mesmo quando não conscientemente, com “essa sua classe, sua cor¹⁸” favorecendo para alguns a identificação étnica e, conseqüentemente, poder ser quem é, isto é, sem perder sua identidade, mas podendo “gingar¹⁹” na grande batalha para um espaço no mercado de trabalho.

Como podemos perceber, uma Educação Afirmativa deve reforçar a idéia do “gingado” da capoeira, como estratégia fundamental no processo de DOPA (Desenvolvimento e Orientação Profissional Afirmativa), oferecendo um programa de orientação educacional e profissional que, além de proporcionar a melhoria e facilidade na aprendizagem, no desempenho escolar, clareza e confiança nos projetos individuais, etc, viabiliza a sistematização de um projeto de vida realista e viável. Neste sentido, o DOPA, deve ser direcionado para a instrumentalização desses estudantes

¹⁷ Dulce Helena Soares-Lucchiari O Ideal de Ego e o Projeto de Futuro Profissional dos adolescentes.

¹⁸ Renato Russo – Faroeste caboclo.

¹⁹ Metáfora utilizada para aproximação entre a estratégia de utilização das ferramentas hegemônicas no mundo do trabalho, mas, como na capoeira, em que a ginga não faz perder a base de apoio, no estudante negro, não deve fazer perder sua identidade e suas identificações étnicas.

de um projeto escrito, que lhes sirva de base inicial para os direcionamentos e decisões que tomaram ao longo de parte de sua vida, atualizando-o constantemente ao longo de suas vivências.

Todos nós utilizamos defesas psicológicas para nos proteger de frustrações e sofrimentos presentes e passados e às vezes até futuros. Nossa observação mostrou que a presença de educadores afro-descendentes, devidamente preparados para trabalhar com as especificidades deste público, favoreceu o fortalecimento da identificação, utilizada como estratégia na redução das resistências, causando inclusive uma melhora na atenção, no interesse e na identificação com os momentos educativos, que deixaram de ser, na visão dos alunos, locais de castração e opressão, tornando-se territórios de desenvolvimento, educação, descontração, identidade e construção de projetos de vida.

A OPA levava então em consideração alguns aspectos fundamentais na contemporaneidade, como, por exemplo: a identificação étnica de cada sujeito ou coletivo de sujeitos e como esses aspectos afetam o projeto de vida de cada estudante. Considerando as características competitivas do mercado de trabalho, que foca no “perfil profissional” sua principal demanda na atualidade, altamente sustentado em estereótipos de aparência e uma cultura do trabalho, que historicamente nega outras práticas, organizações, concepções e maneiras de se relacionar com o mundo do trabalho.

Como então, “orientar” estudantes afro-descendentes? Como construir caminhos educacionais, de protagonismo, inserção e experiências que permitam e fortaleçam a identidade e a constituição de sujeitos “autônomos”? A escolha é uma condição moderna de autonomia e liberdade, estudantes autônomos são aqueles que podem escolher e se responsabilizam por suas escolhas, pois as escolhas são fundamentais na construção do projeto de vida. A OPA (Orientação Profissional Afirmativa²⁰) para o estudante negro, passa primeiramente por ele ter a fala sobre si, é levar o estudante a saber suas histórias e ser reconhecido e respeitado na sua singularidade e em seus aspectos étnicos. É preciso possibilitar ao estudante a liberdade para ter seus projetos, podendo competir, de maneira justa, e encontrar forças e apoio para realizar seus objetivos. O fortalecimento da possibilidade de identificação étnico-racial, inclusive com a consideração das contribuições das populações negras para as riquezas brasileiras deve ser visto como um componente fundamental na construção de sujeitos autônomos, o que, a nosso ver, fortalece a importância de uma abordagem de Orientação Profissional que possibilite ao estudante a posição de sujeito e não objeto do processo ensino-aprendizagem, mas sobretudo o coloque em um outro lugar na história de nossa nação²¹.

O programa de DOPA, entre outras coisas, também é voltado para o fortalecimento de lideranças (pesquisadores e empreendedores negros), interrompendo o ciclo e a reprodução da exclusão do negro em postos de destaque, configurando-se em uma alternativa viável para uma parte de estudantes da escola pública, que tem no protagonismo a sua característica encoberta.

A OPA parte de alguns aspectos das abordagens teóricas: psicodinâmica, traço, fator e sócio-histórica, entre outras, indo, contudo, além de inovar com a sua fundamentação teórica na construção do que chamo de uma no episteme na orientação profissional para excluídos, que tem sua influência teórica em nomes com Jaques Lacan, Stuart Hall, Homi Bhabha, Paul Gilroy, Anibal Quijano, Henrique Dussel, alguns dos seus principais influenciadores no âmbito internacional, mas sofrendo forte influência de grandes professores, pesquisadores e intelectuais nacionais e locais como Kabengele Munanga, Nilo Rosa dos Santos, Joaquim Barbosa, Wilson

²⁰ Vale destacar que a OPA é uma técnica que surgiu com a experiência com trabalhos com estudantes negros, não se resume a esta categoria, mas a uma diversidade de categorias onde a exclusão seja sua tônica.

²¹ Ver Lei 10.639.

Roberto Mattos, Florentina da Silva Sousa, Narcimária Luz, Delcele Queiroz, Ana Célia dos Santos entre muitos outros.

O DOPA visa estimular mudanças profundas de visão e comportamento de estudantes, professores e orientadores, sem contudo violentar a influência da cultura local na constituição de suas identidades, respeitando seus sistemas de idéias incorporadas por gerações, que facilitam o desenvolvimento de sua auto-estima, que lhes dão senso de pertencimento e de autonomia, mesmo quando esta *maneira de ser e viver* não se adaptam completamente ao modo de ser de uma hegemonia étnica, que desconsidera a diferença, a alteridade e a diversidade.

O DOPA também visa estimular o desenvolvimento de pesquisadores negros em toda a sua trajetória educacional, secundaristas e de iniciação científica, de mestrado e de doutorado, interrompendo o ciclo e a reprodução da exclusão do negro em postos de destaque. Este estímulo se apresenta concretamente no auxílio na elaboração e acompanhamento do planejamento da vida educacional e profissional do estudante, a partir de seus projetos de vida.

A OPA não deixa de considerar um pensamento científico de matriz étnica diferenciada no Brasil²², que produz idéias e significados, que constroem outras realidades e percepções oriundas da experiência de vida e de outros saberes não hegemônicos, colaborando para a não-perpetuação das hierarquias e assimetrias étnico-científicas limitadoras do potencial gnóstico, hermenêutico e epistemológico de nossa Africanidades e de nossa Brasilidade.

Os objetivos estratégicos do DOPA, a partir das ações afirmativas, devem estar presentes, então, na redução dos efeitos da chamada discriminação estrutural²³, a partir da oportunização de escolhas e projetos de vida a estudantes negros da escola pública.

Não é possível responder facilmente por que o indivíduo escolhe essa ou aquela profissão, sem compreendermos qual o significado que essas atividades têm para ele, sua história de vida e de que maneira ele se apropriou dessas experiências. Acredito que na profissão escolhida, quando fruto de um processo afirmativo, poderemos encontrar representado, mesmo que não seja de maneira tão clara e direta, nossa posição subjetiva, conseqüentemente nossa identidade, fruto de múltiplas e deslizantes identidades significantes, ou seja, o modelo das nossas primeiras relações de objeto e todas as fantasias inconscientes relacionadas²⁴, bem como todas as defesas psíquicas envolvidas neste processo. A identidade profissional pode explicitar este processo que depende também das experiências objetivas no seu meio afetivo e multi-relacional, cultural, histórico e social.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. *O Valor Simbólico do Trabalho e o sujeito contemporâneo*, Porto Alegre, Artes e Ofícios Editora, 2000.

BOCK, Silvio Duarte, *Orientação Profissional, a abordagem sócio-histórica*, São Paulo, Cortez, 2002.

BHABHA, Homi, K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*, Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 2004.

²² Ver o crescente número de teses e dissertações, além de literatura especializada nos últimos 5(cinco) anos.

²³ Idem 3.

²⁴ Ver *A Escolha Profissional em Questão*.

- CUNHA, Luiz Antonio – Aspectos sociais da aprendizagem de ofícios manufatureiros no Brasil colônia – Fórum Educacional. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2 ed., n.4 p.31-65, out-dez, 1978.
- CUNHA, Luiz Antonio – O ensino de ofícios manufatureiros em arsenais, asilos e liceus. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 3 ed., n. 43 p. 3-47, jul-set, 1979.
- DEJOURS , C; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C – Psicodinâmica do Trabalho (Contribuição da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho), São Paulo, ATLAS, 1994, 145p.
- FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Rio de Janeiro, Editora Fator, 1983.
- FREUD, Sigmund. *Hereditariedade e a etiologia das neuroses*. Obras Completas, Rio de Janeiro, Imago, volume III.
- GILROY, Paul. *O Atlantico Negro*, Rio de Janeiro, Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiaticos, 2001.
- GONZÁLES, R. F. “*Sujeito e trabalho: uma leitura psicanalítica da escolha profissional*”. Dissertação de mestrado UFBA – Janeiro de 2001.
- LACAN, Jaques “*As formações do inconsciente*”. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller, Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar, seminário V.
- LISBOA, Marilu Diez e SOARES, Dulce Helena Penna. *Orientação Profissional em Ação – Formação e Prática de Orientadores*. São Paulo, Summus, 2000.
- MATTOS, Wilson Roberto – *Negros contra ordem*. Campinas, PUC. São Paulo. Tese de doutorado. 2000.
- MIGNOLO, Walter, D. *Histórias Locais / Projetos Globais, Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.
- SILVA, Tomaz Tadeu (org) – *Identidade e Diferença, a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2000.
- STUART, Hall. *Da Diaspora, Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.